

O papel das TDs em cartas na caracterização do sistema de relativização do PE nos séculos XVII e XVIII

The role of DTs in letters in the characterization of the EP relativization system in the 17th and 18th centuries

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iespecial.24407>

Bianca Graziela Souza Gomes da Silva

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora e Mestre em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa, tem Especialização em Língua Árabe e atua na pesquisa de estudo contrastivo Português/Árabe e de ensino de português para falantes de árabe (PLE).

E-mail: biancagraziela@letras.ufrj.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1734-2520>

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo das estratégias de relativização no português europeu em cartas dos séculos XVII e XVIII, buscando analisar o papel das tradições discursivas em construções relativas padrão de sintagma preposicionado no contexto geral dos dados. As cartas em questão são do Padre Antônio Vieira, século XVII, e do Marquês do Lavradio, século XVIII, portugueses em cuja escrita foram detectadas estruturas relativas padrão de PP (sintagma preposicionado). Assim, buscaremos mostrar até que ponto as estruturas formulaicas detectadas em suas cartas inflacionam o resultado das relativas padrão de PP em relação às suas concorrentes de sintagma preposicionado – a cortadora e a copiadora. Depois de analisados os dados, verificou-se que as estruturas relativas de sintagma preposicionado dos portugueses em questão eram, em grande parte, formas fixas representativas das partes introdutória e de despedida do gênero carta.

Palavras-chave: Relativas. PE. Cartas. Construções Formulaicas. Tradições Discursivas.

ABSTRACT

This article presents a study of relativization strategies in European Portuguese in letters from the 17th and 18th centuries, seeking to analyze the role of discursive traditions in standard relative constructions of prepositional phrase under the general context of the data. The letters in question are from Father Antônio Vieira, seventeenth century, and the Marquis of Lavradio, eighteenth century, Portuguese people in whose writing were detected relative standard structures of PP (prepositional phrase). That is, the article shows the extent to which formulaic structures inflate the result of the relative standard of PP in relation to its competitors of prepositioned phrase – the cutter and the copier relativization strategies. After analyzing the data, it was found that the relative structures of prepositional phrase of the Portuguese in question were, to a large extent, fixed forms representative of the introductory and farewell parts of the letter genre.

Keywords: Relative. EP. Letters. Formulaic constructions. Discursive Traditions.

Introdução

Este artigo visa a analisar o *status* da estratégia relativa padrão preposicionada numa amostra dos séculos XVII e XVIII, constituída de cartas do Padre Antônio Vieira e do Marquês do Lavradio com o objetivo de justificar os altos índices dessa estratégia em relação às estratégias não-padrão – cortadora e copiadora – também encontradas nesses *corpora* mencionados. O artigo representa uma parte da nossa pesquisa (SILVA, 2011) que buscou estudar as estratégias de relativização – padrão, cortadora e copiadora – para comprovar que as construções não-padrão não são exclusivas do português brasileiro como defende Tarallo (1983). A hipótese que norteou essa tese foi a de que as estruturas relativas não-padrão são construções próprias também do português europeu. Partindo de estudos sincrônicos sobre o assunto, que registram altos índices da forma cortadora em relação à padrão preposicionada, pretendíamos atestar que, mesmo com índices menores, as formas copiadora e cortadora também já figuravam em sincronias passadas, na variedade europeia do português.

Estratégias de relativização é a denominação atribuída a um conjunto de três estruturas das quais duas não são previstas pela Gramática Tradicional e somente uma “é prescrita”, a saber, a relativa padrão, canônica ou standard, por estar de acordo com o que apregoa a gramática tradicional. As formas relativas não padrão são a estratégia conhecida como cortadora, em que há ausência da preposição no início da oração relativa, cujo contexto de realização é o de sintagma preposicionado e a formas chamadas de copiadora ou com pronome cópia ou lembrete. Tal estratégia repete a informação representada pelo pronome relativo. Este estudo leva em consideração somente as estruturas de sintagma preposicionado para as três relativas, como Esta é a revista de que precisava (relativa padrão preposicionada) / Esta é a revista que precisava (relativa cortadora) / Esta é a revista que precisava dela (relativa copiadora).

A escolha desse tema se justifica pelo interesse atribuído ao fenômeno nas últimas três décadas, desde que o estudo pioneiro de Tarallo (1983) caracterizou a relativa cortadora como uma inovação peculiar ao PB em relação ao PE. Análises de cunho sociolinguístico, com dados orais e escritos do PB, têm evidenciado a produtividade da relativa cortadora principalmente. Segundo os resultados das análises sincrônicas, as estruturas não-padrão, cortadora e copiadora, seriam próprias do Português do Brasil (doravante, PB) e cada vez mais encontram espaço entre os falantes dessa variedade (CORRÊA, 1998; MOLLICA, 2003; SILVA, 2005; BISPO, 2009, entre outros).

Pesquisas recentes (LESSA DE OLIVEIRA, 2006; ARIM; RAMILO; FREITAS, 2005; VAREJÃO, 2006) apontam também para o Português Europeu (doravante, PE) a emergência das formas não-padrão, principalmente a cortadora. Os resultados para o PB já atestam a vitória da cortadora sobre a padrão em ambiente preposicionado (CORRÊA, 1998; SILVA, 2005; BISPO, 2009). E, para o português europeu dialetal, Varejão (2006a) registrou percentuais significativos da

estratégia cortadora em relação às demais (VAREJÃO, 2006). Alguns autores afirmam que, se essa tendência se mantiver, a cortadora poderá se sobrepor à relativa padrão (ARIM; RAMILO; FREITAS, 2005).

Como se trata de um *corpus* documental escrito constituído por cartas, foi necessário refinar a análise a partir de uma discussão complementar da relevância do paradigma das Tradições Discursivas (KABATEK, 2006) para o estudo da mudança diacrônica. Nesse sentido, pretendíamos investigar, de posse dos dados, se a Tradição Discursiva desses textos favorece ou desfavorece a realização de determinada estratégia. O intuito era observar se as formas linguísticas demonstram um uso sistêmico ou se estariam relacionadas às propriedades do gênero carta utilizado na análise. Dessa forma, o que pretendemos, no presente trabalho, é apresentar algumas respostas dessas questões. Tomaremos, portanto, como aparato teórico, algumas discussões sobre o conceito das Tradições Discursivas. Segundo Kabatek (2006, p. 512):

Tradição Discursiva (TD) é a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

Na correlação entre mudança linguística e tradição discursiva, o autor reconhece que o objetivo do historiador da língua é a reconstrução de uma espécie de “diacronia ideal”. Entretanto, “quando se estuda a história de uma língua, o que se estuda não é a língua senão textos representativos dos respectivos estados da língua” (KABATEK, 2006, p. 515). Tem-se, assim, como desafio, distinguir o que é peculiar à língua de uma época daquilo que é próprio do gênero textual. Considera-se, ainda, que o gênero discursivo pode ser condicionante tanto na criação de inovações sintáticas quanto na sua difusão, podendo impedir ou estimular uma mudança linguística. Tal discussão será levada em conta neste trabalho: se as TDs das fontes documentais analisadas favorecem a realização de determinada estratégia de relativização, ou melhor, se estimulam a produção de construções relativas padrão de sintagma preposicionado desfazendo uma possível concorrência com a forma cortadora.

1. Um pouco sobre as estratégias de relativização

As orações subordinadas adjetivas, as relativas, são orações subordinadas a um núcleo substantivo e iniciadas por um pronome relativo que apresenta dupla função nesta oração: ligá-la ao antecedente (núcleo substantivo) e exercer nela a função sintática exercida pelo termo que representa.

Algumas gramáticas mais recentes se destacam por apresentar abordagens não contempladas na tradição gramatical. A descrição que ora apresentaremos costuma ser considerada uma inovação da língua apresentada por algumas gramáticas atuais. Na verdade, nos interessa mostrar estudos recentes sobre as orações adjetivas que não são contempladas pela tradição gramatical: as estratégias de relativização não padrão, cortadora e copiadora.

Nas construções relativas não padrão, não observamos o caráter anafórico dos pronomes relativos de retomar o termo antecedente na oração subordinada exercendo, dessa forma, função sintática nela por representar esse termo. Elas são consideradas inovações no PB e não são reconhecidas pela tradição gramatical, embora estejam figurando em contextos de fala e escrita de não escolarizados e escolarizados (BISPO, 2007; SILVA, 2005; CORRÊA, 1998), na imprensa (GOUVÊA, 1999) e na fala de crianças em fase de aquisição (KENEDY, 2007), não só no Brasil, mas também em dados dialetais do português europeu (VAREJÃO, 2006). Porém, essas formas relativas foram contempladas por gramáticos interessados em estudar a língua nas suas variações.

Mateus *et al* (2003, p. 666-667) admitem haver na fala espontânea duas estratégias de relativização diferentes das orações relativas tradicionalmente designadas como “subordinação adjetiva”. As estratégias de relativização pertencentes, segundo as autoras, à fala espontânea, podem ser do tipo que deviam conter SPs (sintagmas preposicionados) em posição inicial. Tais relativas apresentam, contudo, somente a forma *que* – estratégia cortadora, como se vê em (1). As estruturas consideradas “estratégia resumptiva”, com pronomes pessoais, demonstrativos, advérbios locativos ou mesmo a repetição do antecedente no interior da oração estão ilustradas em (2), exemplos extraídos de Mateus *et al* (2003, p. 667):

- (1)
 - a. O livro \emptyset **que** te falei é o mais bonito
 - b. “[...] é uma arte \emptyset **que** eu dou muito valor.”
 - c. “[...] Passo assim os dias \emptyset **que** estou em casa.”

- (2)
 - a. “Temos lá, no meu ano, rapazes **que** *eles* parecem atrasados mentais, quer dizer...”
 - b. “[...] fui eu e mais uma irmã minha **que** também *ela* sabe muito bem de bolos[...].”

- c. “[...] Que é uma pronúncia cantada **que** eu própria que sou de cá não *a* sei muito bem dizer [...]”

As estruturas em (2) são consideradas estratégias resumptivas (doravante, copiadoras) porque repetem, na oração relativa, o termo antecedente que o pronome relativo deveria retomar como pronome anafórico. Temos, respectivamente, as cópias *eles*, *ela* e *a*, com funções de sujeito (*eles* e *ela*) e com função de objeto direto (*a*).

As autoras supõem estar diante de uma tendência de mudança no português europeu pelo fato de, embora as estratégias exemplificadas em (1) e (2) serem consideradas marginais numa perspectiva purista, a estratégia cortadora já fazia parte, atualmente, do registro oral de falantes altamente escolarizados.

Azeredo (2010), em comparação com o uso escrito padrão, no qual diz existirem variedades de formas relativas precedidas ou não de preposição, apresenta o emprego quase exclusivo da forma *que*, na fala espontânea, nas variedades populares da língua e na escrita de pessoas com baixa escolarização. Segundo o autor, esse item tende a perder, conforme apregoa Bechara (1999, 2006), sua condição de forma anafórica, ou, como o autor emprega, forma substituta de um antecedente, para se tornar puramente um conectivo. Acreditando se tratar de um uso “que já migrou definitivamente para a escrita menos formal”, Azeredo (2010, p. 317) cita exemplos de trechos de gêneros informais em que essas formas estão vigorando, a crônica jornalística e a literatura memorialística:

- (3) “...(o mais político dos intelectuais) havia escrito uns livros e era membro de uma dessas academias que eu já não me lembro do nome.” [Roberto DaMata. O Globo, 25/10/2006]

A estrutura *de uma dessas academias que eu já não me lembro do nome* é uma estratégia cortadora, uma vez que, como diz o autor, a forma *que* está apenas ligando *uma dessas academias* com *eu já não me lembro do nome*. Uma construção relativa padrão iria utilizar o pronome *cuj*o como forma que representa *do qual/de que* e estabelece a relação de posse entre *nome* e *academia*: *de uma dessas academias de cujo nome eu não me lembro*.

- (4) “... tive vontade de escrever sobre um gigante (...) um gigante que fazia coisas terríveis que me amedrontaram mas que eu gostava dele porque, no final de tudo, ele sempre tirava de um alforje de couro um brinquedo...” [CINY, C. H, 1995, p. 110]
- (5) “Há circunstâncias da vida que só quando passam nos perguntamos como foi possível conviver com elas.” [Rosiska D. de oliveira. O Globo, 27/7/2008]

Os itens “dele” e “com elas” são cópias, elementos que repetem *um gigante* e *circunstâncias da vida*, referentes do relativo¹. Uma possível reescrita para a primeira estrutura é *Um gigante que fazia coisas terríveis que me amedrontaram, mas um gigante de que eu gostava*. No caso da segunda, poderíamos ter *Há circunstâncias da vida com as quais convivemos e só quando passam nos perguntamos como foi possível*.

Como o interesse do presente trabalho recai sobre o português europeu, verificamos alguns resultados de trabalhos recentes dessa variedade para corroborar nossos resultados, como os de Varejão (2006). A autora utilizou o *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (Cordial-Sin) para analisar as estratégias de relativização no PE. Embora tenha atestado uma diferença positiva de 16,1% para a padrão em relação à cortadora, ela aponta que as estruturas com dispensa de preposição têm sido as preferidas, uma vez que os dados de padrão levantados correspondem a 99% da forma *onde*. Só 1% dos dados representa um contexto de preposição + relativo. Isso a leva a concluir que a preferência é o corte da preposição (37,7% de cortadora). São, portanto, muito baixos os casos de relativas introduzidas por preposição, assim como no português brasileiro. Pode-se, então, confirmar a hipótese de que o fenômeno estudado também é próprio do português europeu, não é exclusivo do PB. Arim, Ramilo e Freitas (2005) são aqui tomados como referência para dados de texto escrito nos quais verificaram o crescimento da estratégia cortadora nos meios de comunicação social do PE.

Bispo (2009) investigou as estratégias de relativização do Português Brasileiro, em especial a estratégia cortadora. Levantou todas as relativas do *corpus* D&G Natal e do D&G do Rio de Janeiro e as analisou sob a perspectiva cognitivo-funcional. Enfatizando a oposição entre cortadora e a forma padrão em contextos preposicionados, o autor utilizou fatores diversos como o nível de escolaridade dos informantes, a modalidade da língua, o relativo empregado, o papel sintático por ele assumido, o tipo de verbo ou nome regente e da preposição suprimida, o nível de integração sintático-semântico entre a relativa e a oração principal e, por fim, a classificação em explicativas e restritivas.

O pesquisador testou os três níveis de escolaridade – Fundamental, Médio e Superior – e verificou a maior produtividade da estratégia cortadora em todos esses níveis, nos contextos de sintagma preposicionado. Uma diferença detectada foi a de que, no *corpus* do Rio de Janeiro, a maior incidência está entre os informantes do Ensino Fundamental. Nos dados de Natal, verificou maiores índices no Ensino Médio.

Interessou-nos as conclusões a que Bispo (2009) chegou em relação a seu resultado. Segundo ele, opta-se pela cortadora por questões de redução de esforço de elaboração e processamento – levando-se

¹ Neste artigo, consideramos “Copiadora” a retomada do termo relativizado por pronome ou sintagma nominal, diferente de alguns autores que distinguem as copiadoras que copiam alguns traços do termo relativizado (gênero, número e pessoa) das copiadoras que são a repetição inteira do nome (como SALLES, 2007).

em consideração o esforço para a elaboração de uma estratégia padrão preposicionada – seria menos custoso cognitivamente.

Na escrita, entretanto, ele atestou a vitória da estratégia padrão preposicionada em relação à cortadora e justifica tal resultado a partir da propriedade “formalidade”, comum à escrita. Esse resultado fez-nos pensar a respeito dos nossos *corpora*, cartas do século XVII e XVIII. Se a escrita, segundo o raciocínio do autor, seria ambiente menos favorável ao surgimento da relativa cortadora, já é de se esperar que, nos textos escritos selecionados, os índices da cortadora sejam baixos, situação agravada pelo fato de serem textos de sincronias passadas, principalmente por se tratar, em nossa pesquisa, de dois remetentes distintos, portugueses, dos séculos mencionados – Padre Antonio Vieira e Marquês do Lavradio.

O autor busca uma justificativa para explicar o resultado extremamente alto da forma *que* nos dados da cortadora, ou seja, para o fato de a cortadora ocorrer quase exclusivamente com esse pronome. Segundo ele, isso se dá porque o pronome *que* e a cortadora são estrutural e cognitivamente menos complexos, logo, mais frequentes que os concorrentes *o qual* e a forma padrão preposicionada, respectivamente. E, em relação à estrutura padrão preposicionada, seria também o pronome *que* o mais comum ou, em cartas de ilustres, em séculos passados, os relativos mais formais ainda encontravam seu espaço? Bispo (2009) considerou a grande demanda de tempo de produção e processamento que envolve as formas *o qual* e a relativa padrão preposicionada.

Passaremos a algumas reflexões sobre a teoria das tradições discursivas que podem justificar os resultados a que chegamos sobre as formas relativas padrão de PP nas cartas de europeus no século XVII e XVIII.

2. Sobre as tradições discursivas

Buscando chegar à definição de Tradição Discursiva (doravante, TD), Kabatek (2006) afirma que uma TD é a repetição de uma forma textual, de um texto ou de uma maneira particular de falar ou de escrever que adquire valor de signo próprio. Forma-se quando a repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição, tendo em vista qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo.

A questão que nos parece pertinente é a reflexão de uma tradição discursiva ou um determinado tipo de texto favorecer ou não processos de mudança linguística. Company (2002) destaca que a mudança não é produzida de forma homogênea em relação aos diferentes tipos de texto, ou seja, um determinado texto poderia estar relacionado a uma preferência linguística ou, melhor dizendo, determinados fenômenos podem ter sua aplicabilidade diferenciada a depender do gênero em questão.

Na tentativa de relacionar a TD à mudança linguística, Kabatek (2006) aponta que as TDs podem “frear ou acelerar” essas mudanças. Determinados tipos de textos, segundo ele, exigem a manutenção de certas fórmulas ou seleção de “variedades”. No caso deste trabalho, cabe a discussão sobre a possibilidade de as TDs nas cartas se constituírem em freio para o processo de mudança linguística apontado pelos estudos recentes. Estariam as fórmulas, ou seja, estruturas automatizadas que se repetem em determinado contexto, freando a observação da mudança em curso? Buscávamos verificar se a presença de estruturas formulaicas, encontradas no início e no final das cartas, pode influenciar na interpretação dos resultados das estratégias de relativização padrão e não-padrão.

Segundo Kabatek (2006), o falante considera um conjunto de regras e itens linguísticos disponíveis em uma determinada língua para escolher as opções de falar ou de escrever; assim, ele filtra sua produção linguística pelas tradições discursivas, as quais lhe fornecerão o gênero textual cabível ao seu objeto comunicativo.

As reflexões sobre as TDs são pertinentes para compreensão das estruturas formulaicas identificadas nos dados coletados. Acreditamos que essas construções de caráter formulaico estão relacionadas ao gênero textual onde aparecem ou a uma determinada parte do texto. Como mostraremos adiante, elas estão presentes nas cartas analisadas, levando-nos a conclusões relevantes ao estudo das estratégias de relativização no PE nos séculos XVII e XVIII.

3. Os *corpora* e os resultados

3.1 Os *corpora* utilizados

Como apontado, esta seção visa a apresentar os *corpora* utilizados no trabalho: as cartas do Padre Antonio Vieira e do Marquês do Lavradio. As cartas do Padre Antônio Vieira fazem parte do “Corpus Anotado do Português Histórico – Tycho Brahe” e estão disponíveis em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/termos.html>. Trata-se de um *corpus* eletrônico composto de textos de autores portugueses nascidos entre os séculos XIV e XIX.

Antônio Vieira foi um padre que viveu no século XVII, cujo nascimento data do ano 1608. Em sua totalidade, o *corpus* de cartas apresenta 57088 palavras e é identificado pelo “V-002”. Está disponível uma edição não modernizada da documentação. Quanto aos tipos de anotações disponíveis, no caso das cartas de Vieira, tem-se no site a anotação morfológica que permitiu a identificação rápida dos dados relativos aos pronomes que encabeçam as construções de relativização. O *corpus* disponibiliza uma listagem que indica o local de produção ou publicação do material e, no

caso das cartas do Padre Vieira, a indicação é Portugal (que pode representar qualquer país europeu para fins de simplicidade).

Para a era setecentista, analisamos um *corpus* constituído de cartas escritas pelo Marquês do Lavradio editadas por Marcotulio (2008). Nesse caso, trata-se da documentação produzida por apenas um remetente a distintos destinatários, o que possibilita observar a produção escrita de um único indivíduo nas diversas relações sociais estabelecidas.

As 70 cartas de D. Luís de Almeida Portugal Soares Alarcão Eça Melo Pereira Aguiar Fiel de Lugo Mascarenhas Silva Mendonça e Lencastre, 2º Marquês do Lavradio e 5º Conde de Avintes (Marquês do Lavradio) foram escritas entre 1769 e 1776. Segundo Marcotulio (2008), depois de uma vida de formação e experiência militar em Portugal, o português marquês do Lavradio, em setembro de 1767, veio para o Brasil a fim de atender ao convite do rei D. José I. Durante os dez anos em que esteve na Colônia, exerceu vida pública como vice-rei subordinado à Coroa Portuguesa e comandou todos os governadores e capitães-gerais das capitanias brasileiras.

As cartas do Marquês estão agrupadas em função do perfil de seus destinatários. Há as cartas da esfera pública destinadas aos subordinados do Marquês que faziam parte da máquina administrativa colonial (capitães gerais e governadores de província). Constam também do corpus as missivas da esfera privada que circulavam no seio familiar. Nesse último caso, o grau de parentesco é considerado em função dos laços consanguíneos (tio, primo e irmão) ou afetivos (cunhado, genros e parentes de parentes).

3.2 Os resultados da pesquisa

Ao realizarmos a distribuição das relativas de PP pelos textos estudados, verificamos resultados que elucidam o uso das construções cortadora e copiadora, como mostram os resultados, a seguir, das estratégias de relativização em relação às cartas estudadas:

Tabela 1 - Distribuição das estratégias de PP em relação ao remetente.

Remetente/relativas	Padrão	Cortadora	Copiadora
Padre Vieira	348/379 – 92%	28/379 – 7%	3/379 – 1%
M. do Lavradio	74/86 – 86%	10/86 – 12%	2/86 – 2%
Total	422/465 – 91 %	38/465 – 8%	5/465 – 1%

Fonte: Silva (2011).

Na totalidade dos dados, obtivemos 91% de padrão, 8% de cortadora e 1% de copiadora. Embora a forma padrão seja a mais produtiva das três nos dois *corpora*, notamos uma participação das estratégias não-padrão, situação que, até agora, não era considerada na descrição do sistema de relativização do PE (TARALLO, 1983). Mesmo que a participação dessas formas seja tímida, devemos levar em consideração que se trata de textos escritos. As relativas cortadoras constituem uma realidade linguística no português europeu, mesmo escrito, no início do século XVI; fazendo-nos refletir sobre a afirmação de que se constitui em uma inovação brasileira do século XIX, conforme a pesquisa (SILVA, 2011) pôde apontar, considerando-se também que, além de estudarmos cartas do Pe. Vieira e do Marquês do Lavradio, analisamos outro grupo de cartas dos séculos XVI, XVII e XVIII, cujo resultado corroborou a hipótese inicial. Essas cartas são conhecidas como CARDS – Cartas de Desconhecidos – correspondências particulares utilizadas como fonte de consulta nos processos da Inquisição, disponíveis em: <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/179-c-a-r-d-s-cartas-desconhecidas-unknown-letters>. Nesse *corpus*, observamos que a estratégia padrão preposicionada cedeu espaço para as outras duas concorrentes e passou a dividir com elas o *status* de estratégias de relativização: 67% de padrão, 25% de cortadora e 8% de copiadora. Nossos resultados são bastante semelhantes ao que foi obtido por Arim, Ramilo e Freitas (2005) e por Alexandre (2000), em que, no primeiro caso, os autores analisaram dados espontâneos do PE e obtiveram 71% de Ppp (forma relativa padrão preposicionada), 28% de cortadoras e 1% de copiadoras. No segundo caso, a análise se baseou no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo – Oral* (CRPC). Alexandre (2000) obteve 392 Ppp (61% dos dados); 222 cortadoras (34%) e 34 copiadoras (5% dos dados).

Assim, tínhamos como intuito mostrar a modesta, mas significativa, participação das estruturas não-padrão nos séculos em questão. Consideramos “modesta” porque, conforme mostramos, apresentam índices baixos em relação à comprovada preferência atual por tais estruturas, principalmente no PB (TARALLO, 1985; MOLLICA, 2003; CORRÊA, 1998; SILVA, 2005; BISPO, 2009). Consideramos “significativa” porque comprova a hipótese de que são estruturas mais antigas na língua do que consideram alguns estudiosos. Era de se esperar que, em sincronias passadas, principalmente na escrita de indivíduos ilustres e letrados, essas estratégias não fossem as preferidas. Acreditamos que sua produtividade, na fala e na escrita dos pesquisados, tenha sido gradativa, principalmente no PB, até chegar a resultados como os que identificamos (SILVA, 2005). Naquele estudo, registraram-se 220 ocorrências da estratégia cortadora (71%) numa amostra de 310 dados nas funções de complemento relativo, complemento nominal e adjunto adverbial. Embora com frequências baixas, confirmamos as hipóteses a respeito de ocorrências de relativas não-padrão no português europeu escrito no período analisado.

Como comentado, desejamos mostrar o papel das estruturas formulaicas no resultado obtido pelo estudo das estratégias de relativização nas cartas do Padre Antônio Vieira e nas do Marquês do Lavradio. Primeiramente, apesar de nossos resultados mostrarem que, nos textos observados dos séculos estudados, a padrão preposicionada ainda era a preferida, em detrimento a resultados sincrônicos, o item que demonstrou um comportamento semelhante aos estudos do português atual, conforme vemos na tabela a seguir:

Tabela 2 - Distribuição dos pronomes relativos em relação aos remetentes.

Rem./Relativo	QUE	QUEM	QUAL	ONDE	CUJO	TOTAL
Pe. Vieira	269/340 79%	15/23 65%	14/16 87,5%	48/53 91%	33/33 100%	379/465 82%
M.do Lavradio	71/340 21%	8/23 35%	2/16 12,5%	5/53 9%	0/33 0%	86/465 18%
TOTAL	340/465 73%	23/465 5%	16/465 3,5%	53/465 11,5%	33/33 7%	465/465 100%

Fonte: Silva (2011).

O item *que* representa 73% dos relativos utilizados, 340 dados de 465. Os outros 27% de formas relativas distribuem-se por *quem*, *o qual* (e variações), *onde* e *cujo*. Encontramos 33 exemplos com o relativo *cujo*, pronome que encabeça relativas de adjunto adnominal, todos nas cartas do Padre Vieira. Observem essas formas de Vieira a seguir:

- (6) Em Lisboa me mostrou Feliciano Dourado um livro francês intitulado Corona Mystica, [**cujo** autor tomei em lembrança], mas não acho a memória (Vieira – XVII)
- (7) com gente tão poderosa nas nossas conquistas, [**de cuja** conservação depende a do reino]. (Vieira – XVII)
- (8) assim aos negócios do reino como à disposição dosde Vossa Excelência, [**cujos** acêrtos, aumentos e conveniências me tocam muito Amim], como ao maior e mais afeiçoado e obrigado criado de Vossa Excelência. (Vieira – XVII)

O uso de *cujo*, assim com o emprego de outros relativos que não o *que*, representam a proximidade de Vieira dos padrões de escrita da época. Essa forma, segundo os estudos sincrônicos já

mencionados, não é produtiva na fala atual e está cada vez mais escassa também nos textos escritos mais recentes.

Muitas das estruturas identificadas são fórmulas fixas que se repetem em diversas cartas. Entendemos, assim, a partir dos estudos sobre as Tradições Discursivas (KABATEK, 2006), que determinadas formas podem não representar características de uma língua particular de uma época, mas corresponderiam à tradição de determinado texto, uma maneira especial de escrever que ultrapassa, vai além do nível de uma língua específica. A repetição de um texto ou mesmo de uma forma textual, como é o caso, é evocada em certas situações comunicativas e configuraria uma Tradição Discursiva

Observamos que sete dos exemplos do pronome *quem*, localizados nas cartas do Marquês do Lavradio (há 8 exemplos no total da amostra) são estruturas similares, repetitivas e típicas do gênero carta. Em todos esses casos, citados a seguir, o remetente procura captar a benevolência do destinatário para o que quer pedir ou solicitar. Notamos que a maioria dos exemplos faz parte da seção de despedida, ou seja, parte final da carta:

- (9) edetoda atua *Excelentissima* Familia **aquem** com o mayor Respeito ofereço aminha escravidão. (Marquês – XVIII; carta 228)
- (10) mequeiras dar gosto de boas novas tuaz, ede toda atua *Excelentissima* Caza **aquem** peso mequeiras Recomendar com o mais profundo Respeito. (Marquês – XVIII; carta 230)
- (11) Eutenhosido tam extenço nesta minha Carta, porque que-ro que tudo quanto aqui digo aeste Respeito o Repitas da minha parte a *Sua Excelência*; **aquem** eu pella Nau da Guerra escreverei coma Remeça do que Sepoderter Cobrado. (Marquês – XVIII; carta 267)
- (12) edetoda atua *Excelentissima* Familia, **aquem** peço me Recomendez com o mayor Respeito. (Marquês – XVIII; carta 282)
- (13) Em grandissimo desvanesimo medeixa a memoria da Senhora *Dona Henriqueta*, **aquem** Seguraráz da minha parte que ella assim na America (Marquês – XVIII; carta 390)
- (14) etoda atua *Excellentissima* Familia, **aquem** protestaráz da minha parte o meu profundo respeito (Marquês – XVIII; carta 485)
- (15) edetoda a sua *Excelentissima* família **aquem** Rogo a *Vossa Excelência* queira segurar o meu profundo Respeito. (Marquês – XVIII; carta 226)

O uso desse relativo parece ser justificado pelo objetivo do remetente se referir à família do destinatário com extremo respeito e devoção. Trata-se de uma parte da carta específica para esse objetivo, no geral, como dissemos, a seção de despedida. Usa-se, então, um modelo padrão, uma fórmula fixa que se repete e é evocada quando se quer captar a boa vontade do outro. Trata-se de uma tradição discursiva típica do gênero. Uma fórmula que se repete. Nesse sentido, a incidência desse tipo de estratégia padrão poderia não configurar a norma da época, mas um uso próprio do modelo carta. Dessa maneira, pode-se concluir que essa parte específica das cartas favorece a ocorrência da relativa padrão de objeto indireto, uma estrutura muito incomum atualmente, como apontam os resultados de nosso estudo sincrônico (SILVA, 2005), os quais registram dados apenas de complemento relativo.

No caso do *cujo*, verificamos, também, estruturas de fórmulas cristalizadas, exemplos em que não se observa relação de posse própria da estrutura, somente repetição da expressão *em cujo (a) (s)*.

- (16) em toda ao Cazaio *que* partirem Navios **em cuja** conformidade bem vês o quanto hé percizo que não tenhas preguisa demefalares Sempre aeste Respeito (Marquês – XVIII; carta 529)
- (17) no justo receyo de que parte desse Armamento se destaque contra a nosa America, **em cujos** termos me ordena tome Tome eu todas as medidas que me forem possíveis (Marquês – XVIII; carta 535)
- (18) o que tínhamos antes de nos virem aquelas Vizitas, **em cujos** termos ficaras conhecendo a grande brevidade que pode toda esta deligencia. (Marquês – XVIII; carta 535)
- (19) que deter-mino fazer Campar nos diferentes citioz aonde julgar mais próprio a sua asistencia; **em cujas** circunstancias, constandome, que tú tens nos Armazens de Vila Rica bastante numero de Barracas (Marquês – XVIII; carta 536)

Nas cartas de Vieira também foram observados alguns padrões que consideramos ser estruturas meramente formulaicas. O padre Vieira usa uma construção com o relativo *que* anteposto à preposição *com* seguidos pela expressão “Vossa Excelência”, nas funções de complemento relativo e adjunto adverbial de modo:

- (20) e não me espanto tanto da brevidade **com que** Vossa Excelência nela me responde, (Vieira – XVII).

- (21) e todo o mais dinheiro **com que** Vossa Excelência nos quiere socorrer. (Vieira - XVII)
- (22) e muito particularmente do ânimo dos ministros **com que** Vossa Excelência aí o tratou (Vieira - XVII)
- (23) que importa é que chegue este praso, **com que** Vossa Excelência me convida (Vieira - XVII)
- (24) e à confiança e mercê **com que** Vossa Excelência me trata (Vieira - XVII)
- (25) me disse o cuidado **com que** Vossa Excelência está de minha chegada (Vieira - XVII)

Notamos, nos seis exemplos, a repetição de uma estrutura fixa constituída por “COM QUE + Vossa Excelência + X + verbo”. Nesse caso, como nos outros identificados nas cartas do Marquês do Lavradio, percebemos uma repetição formulaica típica do gênero que funciona discursivamente para captar a benevolência do destinatário, tratado como *Vossa Excelência*. Kenedy (2007) faz uma interpretação semelhante das cinco ocorrências de relativas padrão preposicionadas no estudo de Varejão (2006). A autora identificou 108 estruturas relativas PP em um *corpus* de pessoas analfabetas e pouco escolarizadas, obtendo o seguinte resultado: 74 dados de cortadora, 29 de copiadora e 5 de padrão. Para Kenedy (2007), essas cinco estruturas não são legítimas Ppp (relativa padrão de sintagma preposicionado), já que se trata de estruturas cristalizadas como “altura em que”, “momento em que” e “lugar em que”. Tais dados são considerados cristalizados porque seriam como uma fórmula fixa que repete um modelo de escrita próprio da natureza do texto, podendo não ser, portanto, representativo do padrão de relativas comum ao grupo analisado.

Para a análise de sincronias passadas só nos resta textos que sobreviveram ao tempo. Essas fontes documentais não, necessariamente, representam à norma linguística de um determinado século. As relativas padrão destacadas de (20) a (25) são estruturas fixas que se repetem na produção escrita do Padre Vieira. Refletem tradições discursivas típicas ao autor. Podemos concluir, também, a partir de Bybee e Eddington (2006 *apud* BYBEE, 2010) que tais dados de relativa padrão preposicionada seriam estratégias pouco produtivas que apenas são retidas na língua em frases fixas com baixo grau de “aceitabilidade”.

Assim, o que constatamos sobre as cartas de Vieira é que tendem a apresentar estruturas de relativização mais complexas por conta da formalidade dos assuntos tratados. Suas estruturas relativas privilegiam pronomes como *cujo* e *quem* e revelam construções de fórmula representativas do gênero

textual carta. As cartas do Marquês também propiciaram a criação de fórmulas, estruturas que se repetem em determinados contextos de forma automática, como foi o caso das relativas padrão de objeto indireto: elas podem refrear a mudança linguística, uma vez que a automação desse uso inibe a escolha pela estrutura cortadora, a forma concorrente.

Conclusão

Em síntese, embora na totalidade da amostra as relativas preposicionadas sigam o modelo padrão, observamos que a maioria dos exemplos identificados constitui fórmulas típicas que se repetem nas cartas do Marquês do Lavradio e do Pe.Vieira. O estudo discutiu o fato de usos linguísticos que se repetem, em determinadas práticas discursivas, se constituírem em tradição, independente das regras da língua. Os exemplos são próprios de remetentes ilustres e com grande contato com modelos de escrita. O emprego desse tipo de estrutura cristalizada ocorria predominantemente em seções específicas das cartas de pessoas bastante letradas para captar a boa vontade do destinatário com o pedido ou solicitação. Desse modo, podem não configurar em exemplos da norma da época em questão, mas serem construções típicas do gênero carta.

Referências bibliográficas

- ARIM, Eva; RAMILO, Maria Celeste; FREITAS, Tiago. **Estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses**, 2005. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers2005-redip-relativas.pdf>. Acesso em: 19 jan 2008.
- AZEREDO, José Carlos. **Fundamentos de Gramática do Português**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Houaiss/PUBLIFOLHA; redigida de acordo com a nova ortografia, 2010.
- BISPO, Edvaldo Balduino. **Estratégias de relativização no português do Brasil: caso da cortadora**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. *In*: JOSEPH, B.; JANDA, R.D. (Eds.). **The Handbook of historical linguistics**. Blackwell Publishing Ltda, 2003.
- BYBEE, Joan; HOPPER, Paul J. **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- BYBEE, Joan. **Language, Usage and cognition**. Cambridge: New York, USA, 2010.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- COMPANY, Concepción. **Gramaticalización, género discursivo y otras variables en La difusión Del cambio sintáctico** (mimeo) 2002.
- CORRÊA, Vilma Reche. **Oração Relativa: O que se fala e o que se aprende no português do Brasil**. Tese (Doutorado em Linguística). Unicamp, Campinas, 1998.
- GOUVÊA, Lucia Helena Martins. Construções relativas na escrita padrão. *In*: **Anais do VIII Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro**, 1999. v. único, p. 737-745.
- KABATEK, Johannes. Tradiciones discursivas e mudanças linguísticas. *In*: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma (Eds.). **Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- KABATEK, Johannes. (Ed). **Sintaxis histórica Del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas**. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2008.

- KATO, Mary. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. *In*: ROBERT, Iam; KATO, Mary (Orgs.). **Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- KATO, Mary. Orações relativas: variação universal e variação individual no português. *In*: **Estudos Linguísticos**, v. V, p. 1-16, 1981.
- KENEDY, Eduardo. **A Antinaturalidade de Pied-piping em orações relativas**. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ed. Ática, 2002.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. Dados de mudança no sistema de relativização em português brasileiro. *In*: **Estudos Linguísticos**, XXXV, p. 224-233, 2006.
- MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. **A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez lingüística**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- MOLLICA, Maria Cecília. **Estudo da cópia nas construções relativas em português**. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia - Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.
- MOLLICA, Maria Cecília. Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo. *In*: PAIVA, Maria da Conceição de.; DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia (Orgs.) **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2003. p. 129-138.
- SILVA, Bianca Graziela Souza Gomes da. **O caminhão que eu trabalhava com ele subia qualquer ladeira: um estudo sobre a gramaticalização do *que***. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Mimeo.
- SILVA, Bianca Graziela Souza Gomes da. **As estratégias de relativização na escrita de portugueses nos séculos XVI, XVII e XVIII**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Mimeo.
- TARALLO, Fernando. **Tempos Lingüísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

TARALLO, Fernando. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. Tese (Doutorado).

University of Pennsylvania, Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

VAREJÃO, Filomena. **Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas).

Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006a.

VAREJÃO, Filomena. O uso variável das orações relativas no português europeu. *In: Cadernos do CNFL*, v. VII, n. 11, 2006b. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno11-11.html>